



O APOGEU DA CRIAÇÃO

Como o Brasil se tornou a mais nova pátria do cavalo árabe, um animal de força e beleza que habitou lendas diáfanas e as realidades duras dos campos de batalha

PAULA NEIVA

Seus mais preciosos exemplares não correm páreos nos hipódromos. Não saltam obstáculos nos torneios de hipismo. Não servem de montaria para as Forças Armadas e polícias. Não puxam carruagens ou carroças. Eles, simplesmente, são o apogeu da raça. São esbeltos, elegantes, altivos, focinho delgado e narinas largas. São também a mais lendária estirpe de animais de montaria, os cavalos árabes em cujo dorso varavam as distâncias do deserto as princesas de ficção das *Mil e Uma Noites* e os combatentes implacáveis do rei Faisal em sua vitória, ao lado dos ingleses, contra os alemães e seus aliados do Império Otomano no começo do século passado. Em uma dessas extraordinárias reviravoltas que a globalização econômica, iniciada na década de 90, propiciou, o Brasil tropical se tornou, junto com os Estados Unidos e a Polônia, a pátria do cavalo árabe. “Exigiria uma imaginação muito poderosa antever há alguns anos que o Brasil exportaria cavalos árabes para os países árabes, mas essa é a realidade agora”, diz a empresária paulista Luciana Fasano.

Uma mostra desse fenômeno ocorreu há duas semanas em um amplo salão de festas do centro hípico de Indaiatuba, cidade vizinha da capital paulista. Gritos e aplausos comemoravam

DURAS EXIGÊNCIAS Luciana Fasano com um de seus árabes: vida de “rainha de bateria” para os animais que atendem aos rígidos padrões de beleza esperados dos melhores da raça

lances milionários e arremates de promessas embrionárias de cavalos árabes que ainda estão por nascer. O leilão, o primeiro de embriões desse tipo de animal no Brasil, foi o ponto alto da 30ª Exposição Nacional do Cavalo Árabe. Foi um sucesso traduzido pelos 2,2 milhões de reais que os negócios propiciaram naquela noite. “Esses cavalos, pela linhagem, são fortes candidatos a se tornar futuros campeões. Comprá-los nessa fase é uma aposta. Mas uma aposta muito boa”, diz Luciano Cury, idealizador do projeto e criador da raça há 34 anos. Para seduzir os compradores, foram exibidas fotos da égua e do garanhão cujo cruzamento gerou o embrião — com os títulos nacionais e internacionais conquistados por eles. São cavalos cujo preço ultrapassa 1 milhão de dólares.

O sucesso do leilão inédito fornece pistas sobre um mercado que desperta paixões, movimenta altas cifras e está em franca expansão no Brasil. Em 2009, os criadores brasileiros chegaram ao segundo lugar do ranking de exportação do animal no mundo — posto tradicionalmente ocupado pela Polônia, atrás dos Estados Unidos. Como em toda linhagem, assim que a criação se alastra, caem os preços dos animais menos notáveis. “Há 25 anos, para comprar um cavalo árabe no Brasil era preciso dispor de 100 000 dólares, no mínimo. Atualmente, com o aumento da oferta no país, é possível comprar alguns animais por 10% desse valor”, diz o empresário José Alves Filho, presidente da Associação Brasileira dos Criadores do Cavalo Árabe (ABCCA) e dono de 250 cabeças. “O mais impor-

CLAUDIO GATTI



GIANNI DAGLI ORTI/APF



FOTOS DE CLAUDIO GATTI



FORÇA E BELEZA
O conquistador Napoleão teve vários cavalos árabes, mas Marengo e Vizir eram seus prediletos. Eles foram a montaria sobre a qual os mamelucos ganharam fama de guerreiros invencíveis no deserto. Acima, um belo tordilho árabe. No alto da página, os criadores Jaime Pinheiro e José Alves Filho, que exportam cavalos da raça para vários países

ROGER VIOLETTE/APF

árabes, em tamanho natural, feitos de ouro”, diz o treinador Chiquinho Rego, que intermediou a venda de um potro de 500 000 dólares.

O clima é um misto de competição e cooperação entre os criadores. Diz o ex-banqueiro Jaime Pinheiro, um dos maiores criadores e dono de um dos mais admirados haras do Brasil: “Estive em mais de vinte países com o intuito apenas de ver cavalos árabes, mas sempre ficam boas amizades”. Nas competições, os padrões consagrados de beleza e o pedigree do cavalo árabe são fundamentais. Olhos grandes, negros e expressivos, narinas dilatadas, orelhas com pontas convergentes, cabeça pequena e cauda projetada para cima são as características mais apreciadas. Antes das disputas, o cavalo recebe cuidados intensivos. “É como preparar uma rainha de bateria, que será avaliada pelos juízes”, diz Luciana Fasano, que se tornou uma das duas únicas mulheres brasileiras a ter seus animais, os ganhões Elishahh e Eccentric Valentino, escolhidos campeões nacionais dos Estados Unidos, o título mais cobiçado do mundo. Os animais mais valorizados, como o Elishahh ou o Vortex, outro puro-sangue de Luciana, desfrutam de baias personalizadas com temperatura controlada e dieta balanceada. Até o banho de sol é limitado para não queimar o pelo.

tante é a paixão, não é o negócio. Tenho um forte vínculo com esses animais desde que nascem. Acompanho a criação e a expectativa de que se tornem campeões.”

A qualidade dos animais disponíveis e o bom nível das competições atraem ao Brasil compradores europeus, americanos, australianos e até de onde menos se poderia esperar: os países árabes. “Há animais premiados nas principais exposições do mundo. Isso chamou a nossa atenção e nos trouxe aqui”, dizem os amigos sauditas Khalid al Sayed e Abdulaziz al Barghash, jovens empresários do ramo da construção, que vieram ao Brasil para comprar cavalos e arremataram também três embriões — um deles por 125 000 reais. Xeques árabes e seus olheiros visitam haras e convidam profissionais daqui para visitá-los — o que incrementa o repertório de histórias. “Viajei a Dubai a convite de um príncipe e conheci seu palácio. No jardim, havia uma manada de cavalos

Rodolfo Guzzo, um dos principais treinadores do país, apelidado de The Eye (“O Olho”, em inglês), em virtude dos títulos que abocanhou, diz: “No Brasil, os cavalos que disputam títulos quase nunca são usados para montaria”. Eles apenas encantam os olhos. O encanto vem principalmente da força potencial, a resistência e a aptidão para se manter vigorosos nas condições de escassez de água e comida predominantes nos desertos. Hoje só os primos pobres dos animais que passam a vida nas baias climatizadas trabalham duro como seus antepassados que serviram a Napoleão e a outros conquistadores. São os grandes competidores dos enduros — provas de resistência de até 160 quilômetros. Criados por Deus, segundo a lenda, para voar sem asas como o sopro do vento sul do deserto, os cavalos árabes flutuaram pelos séculos e sobre os continentes até sua nova pátria, o Brasil. ■